

Notícias de Guimarães

ANO 22.º N.º 1112
 GUIMARÃES, 10 de Maio de 1953
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-7 Tel., 4319
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

O Milénio do Burgo e o Centenário da Cidade

A Exposição Industrial e Agrícola que vamos patentear ao País no próximo mês de Junho, será o pórtico triunfal de duas datas, que falam da História de Guimarães:

O Milenário do burgo vimaranesense e o Centenário da Carta de Cidade.

Os mil anos de existência do povoado nascido junto do Mosteiro de Mumadona, estão documentados pelo célebre Cartulário conhecido por Livro de Mumadona — a condessa galega que, à glória de Santa Maria, fizera erguer um mosteiro *duplex* onde se recolhiam frades e freiras.

E à volta do Mosteiro o burgo se desenvolveu. Esse Cartulário guarda-se na Torre do Tombo.

Foi para ali levado, com outras espécies documentais, em Março de 1873.

Desse recheio precioso foi esbulhado o património manuscrito de Guimarães, com os protestos e as resistências que lhe opuseram alguns dignitários da Colegiada Insigne, aos quais estava confiada a notável colecção de documentos.

Conduzidas as várias espécies manuscritas em vinte e duas caixas para a Torre do Tombo Nacional, lá ficaram jazendo, sem um estudo e uma arrumação condignas. E se não fora o perseverante cuidado dos monógrafos vimaranesenses em colherem cópias de uma parte desses documentos, pouco deles se saberia.

Que vem a ser o Cartulário de Mumadona?

Um pergaminho escrito em latim medieval, com sessenta folhas; cada uma destas folhas é dobrada em duas, formando quatro páginas. Pelo que se chama *in-folio*.

Começa este pergaminho pelo testamento de D. Mumadona, da Era de 997, e contém sessenta e oito documentos dos séculos X e XI.

Fez propósito a Sociedade Martins Sarmiento — agora que vai realizar uma Exposição Bibliográfica — em publicar na íntegra o Cartulário de Mumadona, reproduzindo em fotografuras as suas páginas. Desse trabalho se encarregou pessoa erudita. Não pôde, porém, esse escritor autorizado, dar o seu texto, simultaneamente a sua tradução, dentro do prazo fixado.

É trabalho que virá em outra oportunidade.

Por este notável *in-folio* pergaminho se dá testemunho da existência do povoado vimaranesense, há mil anos.

Foi depois, no ano 905, que o Conde D. Henrique aqui erguera o seu Palácio Real.

Celebrar o Milénio do nosso burgo vimaranesense é, sem dúvida, uma honra! Esta anceanidade coloca Guimarães no pórtico das relíquias nacionais. A Nação Portuguesa tem na terra de Guimarães fundas raízes.

Aqui, nasceu Portugal!

A elevação de Guimarães à categoria de Cidade foi comunicada por ofício do Governador Civil do Distrito, relativo a 19 de Março de 1853.

Três dias após a recepção do ofício foi convocada extraordinariamente a Câmara para tomar conhecimento dos termos do Decreto, que tem a data de 19 de Fevereiro do mesmo ano, e é assinado por D. Maria II. Era presidente da Câmara o sr. João Machado Pinheiro (Visconde de Pindela).

Este facto histórico não foi assinalado por qualquer acto festivo. Outras terras portuguesas, de menos vulto que a nossa, já há muito que tinham a categoria de cidade.

Isto prova que os magnates locais não tinham pressa em conseguir o título nobiliárquico.

Razões de ordem tributária...

Tempos depois visitando a rainha este burgo, foi a outorga da *Carta de Cidade* festejada.

A. L. DE CARVALHO.

Deferindo um pedido

Como sempre nos temos habituado a dispensar a devida atenção a tudo o que nos parece digno dela e, portanto, a dar bom acolhimento aos pedidos e às sugestões que nos forem apresentadas, cá estamos, mais uma vez, a dar cumprimento a esse preceito da nossa forma de ver e de pensar, embora com agrado para uns e desgosto para outros.

Por hoje, trata-se de um amigo, pessoa de bem e, como tal, merecedor da nossa estima, que nos apresentou com uma amável carta, da qual transcrevemos, fielmente, as seguintes considerações:

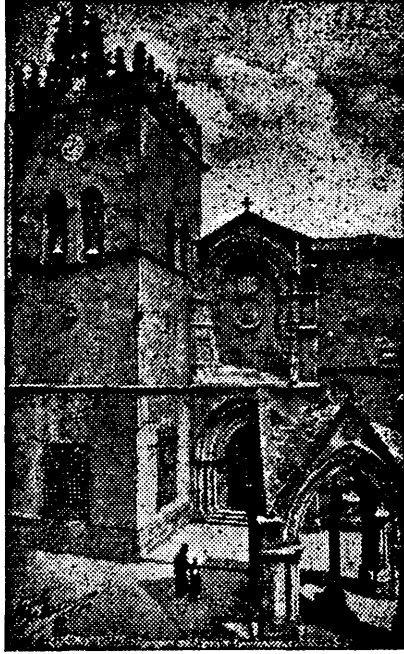
«Como velho admirador e assinante do «Notícias de Gui-

marães», não me tem passado despercebidos os seus escritos neste modesto mas digno órgão da Imprensa, razão por que tomo a liberdade de lhe dirigir esta carta para lhe rogar a fineza de se referir a um assunto, que, por certo, não o contrariará, tanto mais que o mesmo nem mancha a integridade das colunas do Jornal nem afecta a sua própria dignidade. Pelo contrário, fico certo de que agradecerá de uma maneira geral. E' o caso, sr. V. C. A., do que se passa em funerais de grande concorrência e em que muitas das pessoas que neles tomam parte apenas têm a preocupação de ir à igreja para registar o nome

Guimarães Serviços Forenses

VAI CELEBRAR

o Milenário da sua Fundação e o Centenário da elevação a Cidade



No dia 22 de Junho de 1853 a rainha D. Maria II elevou à categoria de cidade a vetusta e histórica vila de Guimarães, fundada 900 anos antes. As duas datas vão ser comemoradas com actos solenes e festivos, que começam no dia 22 de Junho e se prolongam até ao dia 15 de Agosto. Os três primeiros dias das celebrações terão a presença do Chefe do Estado que presidirá, no dia 22, à sessão solene que se realiza num dos salões do Paço dos Duques de Bragança. Em sua honra efectua-se nesse dia um jantar de gala. Em cumprimento do programa elaborado, haverá, no dia 23, visita a monumentos e obras públicas e inauguração-se-á a obra geral de abastecimento de água à cidade. O sr. Presidente da República presidirá, também, à inauguração da Exposição Industrial e Agrícola e das Exposições Bibliográfica e de Arte Sacra, e à noite dará recepção. Folguedos populares, constituídos por iluminações e arraiais e fogo de artifício, encerram, nesse dia, os festejos.

A 24, dia de S. João, comemora-se a batalha de S. Mamede, com missa campal, celebrada pelo sr. Arcebispo Primaz. O Chefe do Estado procede, no castelo, ao hasteamento da bandeira de D. Afonso Henriques, depois do que se retira para Lisboa.

Em Julho as datas históricas são rememoradas com a procissão de S. Torquato, celebração do Primeiro Tratado de Amizade com a Inglaterra, assinado em Tagilde (Guimarães), exposições, conferências e festivais.

Nos dias 1 a 4 de Agosto

em papel de luto, retirando-se em seguida para fora, onde permanecem em conversa tão sonante que chegam a perturbar os actos fúnebres que nessa altura se estão a realizar dentro do respectivo templo. Com franqueza lhe digo que discordo em absoluto deste procedimento, porque entendo que as pessoas que assim procedem não vão ao funeral para assistir aos actos religiosos em sufrágio da Alma da pessoa falecida,

com atraindo efectuem-se, com atraente programa, as Festas «Gualterianas». No dia 14 comemora-se a vitória de Aljubarrota, com a Festa do Pelote e missa campal no altar tomado na batalha, celebrada pelo sr. Bispo da Guarda; homenagem dos Municípios do País à terra vimaranesense, no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães, acto em que faz a saudação o sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa; à noite, jantar de gala. No dia 15, o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa preside, na Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, ao «Te Deum» de acção de graças pela fundação de Guimarães. Nesse dia realiza-se a soleníssima procissão de Santa Maria de Guimarães, com a assistência de Prelados e de Confrarias Marianas da província de Entre-Douro-e-Minho, há um festival no pátio do Paço dos Duques de Bragança, iluminações, fogo de artifício, etc.

O programa cultural das comemorações é constituído pela Exposição Bibliográfica dos Escritores Vimaraneses, na Exposição de Arte Religiosa, sob o patrocínio da Casa de Bragança, por publicações editadas pela Câmara Municipal de Guimarães e por diversas conferências.

Durante os dias das festas realizam-se visitas às importantes obras já realizadas e em curso na cidade e também à vila de Vizela, vila das Taipas, Pevidém, S. Torquato, Penha e Citânia de Briteiros.

A Câmara Municipal de Guimarães mandará cunhar uma medalha comemorativa do Milenário e Centenário.

mas somente para dar uma satisfação à família dorida.

De resto, não pretendo que pague o justo pelo pecador, pois é certo que a regra não é geral e, por isso, invoco aqui o adágio que diz: «Cada cereja pelo seu pé prende». Quero dizer com isto que nem todas as pessoas procedem como aquelas a quem desejo atingir. Postas as coisas neste pé, o sr. dará a esta carta o destino que entender, até

Conclui na 2.ª página.

Esperávamos o artigo final da série que sob a epígrafe «Comarca e Tribunal» o distinto caudado e ilustrado vimaranesense dr. José Pinto Rodrigues aqui tem publicado, para replicarmos ao que nas considerações expendidas nos parecesse conveniente sem interromper a sequência que estivesse na intenção do brilhante articulista.

Mas a oportunidade do assunto vai passando e decidimos dizer, desde já, o que pensamos, no único intuito de firmar e esclarecer a nossa posição, que não obedece a instâncias de ninguém e resulta simplesmente de uma lógica de raciocínio.

Não somos nem fomos nunca contra a construção de um edifício novo para a instalação do tribunal; há provas que, mesmo quando destruídas, como o vão ser, na sua exteriorização material, ficarão para sempre na história vimaranesense, a demonstrá-lo.

O que dissemos, e é verdade, e é sensato, é que o edifício das Lamelas, aproveitado na sua totalidade e convenientemente adaptado, serviria perfeitamente para uma instalação condigna e ampla do nosso tribunal. Tem largueza bastante e é de traça austera, sem insuficiência estética, para o serviço da Justiça, que dispensa o fausto monumental para ser exercido com prestígio e dignidade.

Não resiste a uns momentos de reflexão a fobia das adaptações. Tudo quanto se edifica é o resultado de uma adaptação: adaptação e bem difícil e de irremediáveis consequências vai ser a dos dois talhões de terreno destinado à construção do palácio que tanto entusiasmo os adeptos da demolição dos novos Paços do Concelho.

Se para a adaptação do edifício das Lamelas apenas fosse possível aproveitar o espaço que ocupa e as paredes exteriores, ainda assim isso seria melhor do que continuar o tribunal vergonhosamente instalado como se encontra ou ter de se destruir uma obra

de arte e de incontestável necessidade que, digam o que disserem os maldizentes, era uma obra da cidade, da tal *Cidade Nova* sobre que um dia falaremos com mais autoridade do que ninguém.

Lisboa, que, segundo a nomenclatura moderna, é a capital do império e onde, por isso, ficaria melhor do que em qualquer outra localidade do país um monumento à Justiça, contenta-se com a adaptação do velho, inestético e desajeitado casarão da Boa Hora para a instalação de uma grande parte dos seus tribunais. Muito dinheiro ali se tem gasto e talvez com a carência de método e de organização de um inicial e conveniente plano de conjunto que seria aconselhável, mas o que é certo é que a administração pública, que ninguém tem o direito de acusar de incompetente, não preferiu esperar pela construção de um palácio para melhorar a instalação dos tribunais *adaptando* o edifício onde funcionam. E era o que nós queríamos que se tivesse feito aqui, a tempo e horas.

Adaptar não é tornar definitivo o que não serve transitória e não é dar eternidade ao que está condenado a vida efémera, ou os dicionários estão errados. Todas as concepções na arquitectura são uma adaptação técnica do espaço e dos materiais aos fins utilitários da edificação, dentro da sensibilidade estética do artista que a projecta.

O local da casa das Lamelas não é inadequado e já indicamos aqui como podia ser facilmente melhorado, de modo a ficar inteiramente a descoberto a fachada nobre do edifício e dando-se-lhe um amplo acesso pela Rua de Santo António. Não necessitam os tribunais, para que neles se faça bom serviço, de ser acessíveis por largas avenidas; não são lugar próprio para paradas, manifestações públicas, cortejos ou procissões.

Ali, na Cidade Nova, o que



MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO
 Portaria Capitular de Mumadona

Comemorando as Bodas de Prata da criação do Museu Regional de Alberto Sampaio e homenageando o seu Director-Conservador, Sr. Alfredo Guimarães, realiza-se hoje, por iniciativa da Câmara Municipal, numa das salas daquele precioso Museu, instalado nos claustros da nossa velha Colegiada, uma sessão, que terá início às 11 horas, sendo orador oficial o sr. Dr. João Couto, Director do Museu de Arte Antiga, de Lisboa, que versará o tema: «Actualidade e Futuro dos Museus de Arte Plástica de Portugal — Museu de Guimarães».

VERSOS

para a boda de Francisco Valle de Juan e María del Carmen González Martínez, em Sevilha.

Mando-vos versos para a vossa boda,
Como bálsamo azul de luar e rosas
Que vos lembre e perfume a vida toda:

As vossas duas vidas amorosas,
Com músicas de beijos e canções,
Vão unir-se, ditosas e formosas.

E peço a Deus que o sol das ilusões
Que vos aquece a alma, — vida fora
Seja o calor dos vossos corações!

Que neles haja sempre amor e aurora,
E haja a alegria imaculada e sã
Duma manhã de pássaros, sonora!

Que a vossa vida seja hua manhã
Que não acabe mais, Francisco Juan,
E a tua noiva seja como irmã,

E com beijos te chame sempre irmão,
E como um rouxinol, sempre a cantar,
Feliz, por te ter dado o coração!

Eis o que eu peço para o vosso lar!...

(Inédito)
Braga, 53.

A. GARIBALDI.

O LINHO EM NOSSOS DIAS

Foi em 1930.

O Ministério da Economia entregou à Empresa Fabril do Norte, Lid.ª, o exclusivo da fição linheira.

Guimarães à hora dessa operação têxtil, não viu interesse industrial em se bater por conquistar essa posição excepcional.

Se qualquer tentativa fez nesse sentido, não chegou a despertar as atenções daquelas a quem estavam confiados os destinos da terra.

Contentando-nos em continuar na miragem daquelas máquinas destinadas à fição do linho que um dia até nós vieram — há meio século, talvez! — para o desenvolvimento da nossa indústria têxtil, elas aí estão na Escola Industrial, como em museu de coisas antigas.

Agora voltaram os jornais a recordar-nos essa operação de fomento industrial realizada em 1930. Pelo que nos é

ficava bem, a servir esplendidamente a função que lhe seria própria e a embelezar a terra, era o majestoso edifício dos Paços do Concelho em construção, que esse sim, é que seria monumental, característico e harmonioso como outro não será possível conceber-se no conjunto admirável que constituiria com o Castelo e o Paço dos Duques.

E o que é bem triste é a falta de uma palavra de mágoa para a destruição de uma obra que, completada, que fosse, seria o orgulho do concelho e mais um monumento de glória para a arte nacional.

Em toda a cidade de Guimarães, a velha e a nova, não haveria um outro lugar onde se pudesse construir o palácio para instalação dos serviços forenses sem que tal implicasse a destruição de um outro ainda não acabado e que já nos custou tanto dinheiro, com a agravante de ter de ficar este de agora com o rés-do-chão atravessado por uma rua?

Que nos respondam todos aqueles que de facto obedecem apenas e exclusivamente à sua consciência. E é só perante esses que nos interessa firmar e consolidar a nossa posição.

Quanto ao outro assunto da necessidade de se criar mais uma vara judicial para esta comarca e forma como ele é posto, diremos também alguma coisa num artigo próximo.

M.

revelado, viu-se: que 350 pequenos cultivadores chegaram a produzir no ano de 1951 — 1.255 toneladas de linho.

No ano de 1944 a produção havia sido de 26 toneladas.

A cultura do linho com sementes seleccionadas, com assistência agrária ao cultivador, com preço regularizado, demonstrou-nos como seria possível nesta zona do Minho obter-se filação em abundância e em condições de qualidade para dar à nossa indústria têxtil uma matéria prima apreciável para a sua manufactura.

Esta clara realidade falhou à visão acanhada dos nossos industriais algodoeiros.

Imagine-se agora, recuando há época em que um Ministro de vistas largas mandou vir para a nossa Escola Industrial máquinas destinadas à fição do linho, imagine-se, repito, o seguro rumo técnico e industrial que havíamos tomado no âmbito do empreendimento desse homem público!

Usa dizer-se, nestes lances, agora que foi perdida a maré do carvoeiro, nada adiantarmos com o recordar águas passadas, uma vez que não se pode voltar atrás.

Embora! Mas fique-nos a falta de visão dos nossos industriais do tempo, como lição.

A primeira vez que Abel Cardoso, na qualidade de Director da E. I., me animava a propugnar na Junta Geral do Distrito pela concessão de um subsídio para a montagem das máquinas fiandeiras do linho, inertes na sua Escola, foi, talvez, em 1918. Então seria ainda uma excelente oportunidade para não deixar perder uma bela perspectiva de fomento industrial, abrindo mais largos horizontes à nossa rica tradição linheira.

Fui, depois da concessão feita à Empresa Fabril do Norte, Lid.ª, ouvir um dos seus Directores, formulando-lhe, de carteira, esta pergunta:

— A concessão de 1930 viria ainda a tempo de levantar a manufactura dos tecidos de linho?

Quivindo, então, este parecer:

— A manufactura dos tecidos, no respeitante a matérias primas, oferece-nos a cada momento tantas surpresas no domínio dos plásticos, que se o linho era no passado o «rei dos panos», hoje encontra a fazer-lhe frente muitos outros tecidos concorrentes, por forma a não se poder garantir a

O Vitória de Guimarães é, depois dos Quatro Grandes, o Clube com mais longa permanência que continua na 1.ª Divisão

Depois de terminada a prova nacional da I Divisão, não nos parece descabida uma análise, embora ligeira, ao grupo vimezanense nas suas várias presenças neste campeonato. E justifica-se a referência dado o modo heróico — pode-se bem dizê-lo — como foi disputado, por um punhado de clubes, esta fase derradeira da luta para escapar ao perigo negro da despromoção.

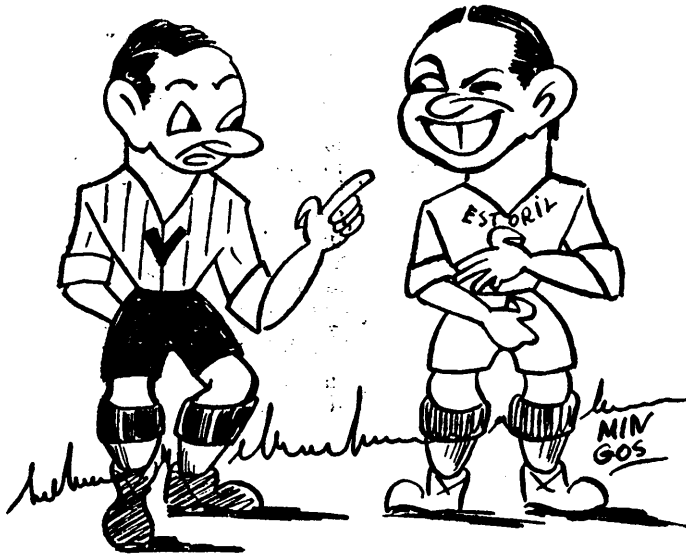
Acabada no último domingo a competição, por um jogo que decidia definitivamente a continuidade da presença do clube vimezanense e que, por outro lado, foi mais uma disputa para a conquista do ceptro da supremacia no futebol minhoto, parece-nos que de sobremodo se distingue o oitavo lugar conquistado pelo Vitória de Guimarães na prova deste ano, que é, por assim dizer, também o regresso ao lugar habitual onde durante muitos anos, com regularidade, se havia colocado. Uma simples análise demonstra que o clube vimezanense nunca apareceu naqueles lugares da classificação em que a despromoção é imediata ou resolvida num único jogo de competência. Por que até a classificação em 13.º na época de 50-51 foi motivada por irregularidades desonestas, que ficaram para sempre co-

nhecidas pelo «Caso do Oriental».

Assim tem o Vitória de Guimarães onze presenças na prova máxima do futebol português, todas elas consecutivas, e sem de modo algum ter necessidade de lutar, a não ser dentro do decorrer regular da prova, pela continuidade da sua presença.

A luta incerta que trouxe em sobressalto os seus adeptos até ao definitivo arrumo dos clubes na tabela da classificação desta época, pode ser compensada pelo lenitivo alcançado no lugar que obtive. E não será demais frisar ainda que toda esta luta, onde andaram empenhados os rapazes do Vitória, não foi, de modo algum, manchada por qualquer acto de indisciplina. Tanto os jogadores do Vitória como o seu público mostraram a generalidade do país um domínio absoluto de nervos, que neste momento é de sobremodo de realçar. Sim, se o clube merece uma referência elogiosa pela sua classificação na prova, mais a merece ainda porque nenhum dos seus jogadores saiu jamais do campo expulso por uma incorrecção, nem o seu público adepto tomou qualquer atitude que pudesse parecer pretensa coacção sobre aqueles que têm a obrigação de dirigir as pejeas.

De «O Norte Desportivo».



Olha que o último a rir é o que ri melhor!...

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

O assunto de que lhe vou falar pertence ao número daqueles que não constituem qualquer surpresa, mas que, por outro lado, se torna significativo no meio da convulsão em que o mundo se debate sob o imperativo de uma ganância desenfreada por parte de uns e de elegitimas aspirações de comando por parte de outros.

E assim, com as aventuras gananciosas a puxarem para um lado e com as aspirações de domínio absoluto a puxarem em sentido contrário, a humanidade continua a viver horas de angustiosas incertezas e, portanto, a sofrer as consequências do desentendimento reinante na hora que passa.

Nesta ordem de ideias — e por que a atmosfera da desharmonia que assola o mundo se mantém manifestamente pesada — felizes se devem considerar os povos menos atingidos por ela.

Porém, minha Senhora, enquanto não surgir no horizonte da Paz a luz bendita da felicidade humana, não desaparecerá do cenário mundial o manto de trevas em que o mesmo se encontra envolvido, ofuscando a luz do próprio sol que nos ilumina, que nos aquece e que nos acalenta.

E agora, para que V. Ex.ª melhor possa compreender até que ponto poderá chegar a tentação da ganân-

velha realza desse produto tão português, que foi o linho...

Tão português e, acrescentava eu, tão vimezanense!

A. L.

cia, peço-lhe se digne ler com a devida atenção a seguinte notícia que um jornal português me trouxe às mãos:

«O mistério das pernas de pau

Segundo informam da Escócia, quando Donald MacDonald morreu em Sydney, na Austrália, há perto de dois anos, uma pequena fortuna deve ter sido enterrada consigo, na sua perna de pau.

Agora a sua família, residente em Tobemoty, isolada aldeia escocesa — onde dizem as lendas se afundou um barco da Armada espanhola, cheio de ouro, a Invencível Armada do Século XVI — pediu a um advogado de Sydney que encontrasse o seu testamento.

Também pediram a exumação do corpo de MacDonald, para ver se, na verdade, a sua perna de pau esconde o dinheiro. Sabe-se que ele possuía, pelo menos, 2.000 libras, diz a família.»

Quer melhor, minha Senhora, ou ficará satisfeita com este curioso exemplo das consequências que, porventura, poderão derivar da extensão da ganância e da sua projecção no desenrolar de certos acontecimentos?

Como não costuma ultrapassar os limites da exigência, suponho que ficará satisfeita com o «mistério das pernas de pau», que, neste caso, não são gêmeas...

E não desejando importuná-la mais, subscrevo-me.

De V. Ex.ª
Cd.ª Ven.ª e Obg.ª

Malo de 1953

X.

Tipgrafia IDEAL

TELEFONE. 4381 GUIMARAES

Vão iniciar-se já, nos primeiros dias desta semana, os trabalhos preparatórios para as próximas Festas da Cidade, que terão lugar em 1, 2 e 3 de Agosto e que este ano, por virtude da celebração do Centenário, não podem de forma alguma desmerecer do entusiasmo e do esplendor dos outros anos. Nisso, certos estamos, se encontram empenhados todos os Vimezanenses que jamais negaram o seu concurso, melhor, o seu esforço, para que o nome da sua Terra se eleve cada vez mais e se torne ao longe e ao largo cartaz atraente para todos quantos a possam visitar.

A subscrição pública, de cujo resultado depende, em grande parte, aquilo que se pretende fazer neste ano excepcional em que Guimarães dará provas da sua vitalidade, vai começar a fazer-se e a Comissão espera, e a Cidade confia, que ela traduza o sentir da nossa gente e corresponda aos anseios dos promotores das «Gualterianas» — constituindo, assim, colaboração prestimosa e necessária que lhes diminua o pesado encargo que tomaram sobre si.

Mestre Chicória

(Retardada)

Por iniciativa da Real Associação dos Bombeiros Voluntários de Vizela vai prestar-se no próximo dia 10 de Maio — comemorando a data da fundação desta briosa Corporação — mais ou menos por volta das 16 horas, uma modestíssima homenagem ao vizelense, Maestro-compositor, Joaquim da Costa Chicória.

É possível que, quem me der a honra de me ler, desconheça a apagada e humilde personalidade do Mestre Chicória... Honrou a terra em que nasceu, o concelho de Guimarães, Portugal...

Esta privilegiada e feracíssima região do Vizela tem sido fértil em artistas da nobre Arte de combinar os sons.

Assim, entre outros, contamos com o vizelense Capitão Lourenço Alves Ribeiro, Chefe da Banda da Guarda Nacional Republicana e Professor de Música em Lisboa, um dos grandes ornamentos da Arte Nacional, e o nosso Mestre Joaquim da Costa, Chicória que tanto tem honrado a Música Portuguesa.

A homenagem que se vai prestar pelas 16 horas de domingo, 10 de Maio, descerrando-se uma lápide de homenagem na casa onde faleceu o Mestre, sita na Praça da República, nada tem de pomposo e brilhante.

É promovida pela Associação dos Bombeiros locais, num gesto digno de aplauso, e deve significar o muito obrigado póstumo desta mui valorosa Corporação.

Mas o Mestre Joaquim Chicória merecia mais. Muito mais... Pelo menos — já que a sua louvável modestia nunca lhe permitiu implorar benesses oficiais — uma consagração concelhia, talvez nacional, agora que a não pode recusar, e que a edilidade vimezanense lhe consagrasse o seu nome em qualquer das ruas sem título de Vizela, àquela que na Música tão alto ergueu o nome da sua terra, do seu concelho, da sua Pátria!...

Privei de perto na intimidade do Mestre Chicória.

Fizemos de parceria três ou quatro obras.

Eu uns modestos versos; ele uma música suave e harmoniosa como o Hino a S. Bento, Hino das Azenhas Novas, Reis de 1945, etc.

Tive ensejo de o apreciar na intimidade, de lhe observar a sua modestia, os anseios da sua grande alma de artista e coração bondoso. Morreu ignorado e pobre. Apenas as suas obras correm mundo sem que nenhum dicionário biográfico aponte aos vindouros ou a algum estrangeiro curioso que deseje saber quem foi o autor das «Duas Loucas» ou dos «Murmúrios do Vizela»...

«Ninguém é profeta na sua terra...»

Verdade milenária pregada pelo grande Justo.

Joaquim Costa, assim é o seu nome oficial, nasceu a 25 de Dezembro de 1875 e faleceu a 23 de Março de 1951.

Era filho do alfaiate António da Costa e da doméstica Josefa Salgado.

Como seu pai adoptou a profissão de alfaiate que poucos anos exerceu.

Tendo dado provas de grande executante de música, dedicou-se à composição da mesma.

Mais tarde regeu 3 bandas marciais e deu vários concertos em Espanha, tendo tocado em vários teatros de Lisboa e Porto, bem assim como na Banda dos Bombeiros Voluntários do Porto, onde foi um dos primeiros executantes.

Por volta de 1911, o Mestre Chicória, dedicou-se à composição.

Eis a longa lista das suas obras:

Deferindo um pedido

Continuação da 1.ª página

mesmo o de a confiar ao cesto dos papéis velhos.»

De facto não nos repugnam as considerações feitas à volta do assunto em referência, não só porque as mesmas salvaguardam a obrigação da justiça que se deve fazer a quem de direito — neste caso às pessoas que se conservam dentro da igreja — mas ainda porque também temos a mesma opinião a esse respeito, isto é, estamos de acordo com o amigo que se lembrou de nós e do «Notícias» para dar expansão ao seu criterioso modo de ver.

Quanto aos que discordam desta doutrina, que, pelo menos, considerem oportuna e sincera a intenção com que foi ventilado este assunto.

V. C. A.

SULFATO DE COBRE INGLEZ

Em sacos de 50 e 100 quilos

Vende

PEDRO DA SILVA FRIBAS

«CHAFARICA»

11, R. SANTO ANTÓNIO, 13

GUIMARAES

220

Marchas, 400; Fantasias, 40; Overturas, 5; Sinfonias, 20; Rapsódias, 17; Valsas, 40; Obras diversas, 50; Marchas fúnebres, 8. Somam 580 obras.

Além disso tem mais de 300 composições várias.

Será ao certo o número exacto das suas obras?

São números aproximados que a sua família me forneceu, aventando-se, porém, a hipótese de a sua obra musical ir muito além dos números aqui apontados.

Por vezes, em amena cavaqueira, lhe perguntei: — Então, Mestre, quantos números de música já escreveu?

Então, Mestre Chicória, num olhar vago e um sorriso travesso, respondia-me invariavelmente: — Para que quer saber?!... Olhe, são tantas que já lhe não sei a conta.

E mudava o rumo à conversa. O certo é que as suas obras são executadas em todas as bandas regimentais do País, em Nice, Rádios Toulouse e B. B. C. de Londres...

A rápidos traços afica a biografia do «Pai Chicória», já que uma pequena homenagem se lhe vai prestar.

E para terminar o apelo sincero e justo a todas as músicas do norte do país para que se associem a essa homenagem, a todos os vimezanenses e vizelenses para que lá compareçam, e à Ex.ª Câmara Municipal de Guimarães para que no dia 10 de Maio descerre uma placa em qualquer rua de Vizela, sem nome — e tantas são — perpetuando a memória do que foi também grande entre os grandes.

Será uma pequena despesa para o Município, uma justiça, e a vontade feita a estes 7 milhares de vizelenses que bem o merecem.

JÚLIO DAMAS.

Excursão a terras do Douro e Trás-os-Montes

No passado domingo, um numeroso grupo de funcionários da Câmara Municipal de Guimarães foi de longa até terras do Douro e Trás-os-Montes, em franco e alegre convívio, num esplêndido auto-carro.

A partida, marcada para as 7 horas, só se verificou decorridos mais trinta minutos, porque, por motivos imprevistos, o Gonçalves de Covas não pôde vir mais cedo...

O auto-carro pôs-se em marcha e seguiu pela estrada de Fafe para depois tomar a direcção de Felgueiras e Lixa. Às 9,30 horas atravessamos o Tâmega e o Marco de Canavezes. Mais uns minutos e estávamos em Baião e o vale do Douro surge depois em plena primavera, majestoso e imponente, rico de verdura e de policromia. Nas suas encostas, o casario alvinitente e as vinhas dispostas em anfiteatro deliciam a vista, oferecendo o mais empolgante aspecto paisagístico.

O Rio Douro serpenteia o vale lá no fundo e oferece um tom de frescura à vegetação luxuriante que ladeia o vale, recortado em elegantes e caprichosas ondulações.

Os componentes da caravana não se cansam de admirar a paisagem alacre e fascinante do nosso Douro indescritível.

No seu contínuo avanço, o auto-carro vai deixando para a retaguarda esse vale de sonho e de encantos e atravessa a garrida e pitoresca Régua, para depois alcançar a velha e altaneira cidade de Lamego, onde se faz paragem demorada para almoçar e ver a cidade.

Os excursionistas espalham-se pelo velho burgo do Bispo Embaixador, e depois do almoço, que foi uma reunião íntima de franca e leal camaradagem, resolveram visitar o Santuário dos Remédios, que é cercado pelo frondoso parque — um dos melhores do norte e de onde se disfruta uma paisagem maravilhosa.

O srs. Azevedo e Dr. Armando Faria puxam das suas máquinas fotográficas e fazem vários clichés.

As senhoras que nos acompanharam — funcionárias também e de família dos excursionistas — deram à caravana um aspecto elegante e gracioso. Não faltou também quem desse largas ao coração... embalado pelo tom de inspiração que a Natureza oferece naquelas paragens.

Ao sair de Lamego, com rumo à capital transmontana, o Xavier anuncia e convida, ruidosamente, valendo-se do micro do auto-carro, o bom povo daquela cidade a visitar Guimarães por ocasião das festas centenárias e milenárias.

Iniciamos a escalada da serra que separa a Régua de Vila-Real. Horizontes largos — desfiladeiros e rochas escarpadas — o ar é mais seco e o sol — dia de sol magnífico — alegra as nossas almas e ilumina a nossa consciência diante do poder do Criador.

Rápida visita a Vila-Real. Mais fotografias. O dia está a declinar e a noite aproxima-se. Pontualidade e disciplina em todo o percurso. E vamos saltar o Marão que oferece aos excursionistas o que é a vida em plena serra. Os povoados, os rebanhos, as florestas, os pastores, os vales profundos e as cristas agrestes...

Uma pousada, estradas magníficas, em toda a parte... a Casa arumada!

Mais uns quilómetros percorridos e o motorista vai agora mais seguro de si e à vontade. Estamos em Amarante — terra de S. Gonçalo.

Daqui a Guimarães é um ápice. Felgueiras em festa — arraial estridente. Paragem rápida.

Os excursionistas, bem impressionados pela viagem, dão início ao regresso a Guimarães, onde chegaram já de noite. Despedidas alegres e de saudade. Anúncio de novo passeio — desta vez ao país vizinho. Aplausos e palmas.

Não houve a mínima nota discordante.

Isac.

RELOJOEIROS

Mostradores, por mais minúsculos que sejam, executam com a maior perfeição e a preços módicos. Basta enviar os velhos em mau estado para servir de modelo. Único fabricante no País de mostradores novos.

Manuel Rodrigues Vitorino
Quinta da Restauração
TORRES NOVAS

Exames de admissão à Escola do Magistério

HABILITA, PROFESSOR COM PRÁTICA DE ENSINO
Nesta Redacção se informa.

Misericórdia de Guimarães

Sessão de Mesa de 1 de Maio

Sob a presidência do Provedor sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi tomado conhecimento de uma carta do sr. Francisco Vilarinho, solicitador encartado em Lisboa, a comunicar o pagamento de mais um legado de 27.000\$00, deixado pela benfeitora D. Luciana Ferreira Barroso da Costa Freitas e bem assim a informar do andamento da questão afecta ao Tribunal da Relação, proveniente da herança da mesma benfeitora. Igualmente foi tomado conhecimento de uma carta do advogado desta Santa Casa no Rio de Janeiro, sr. dr. Lúcio Marques de Sousa, a dar informações acerca da acção proposta por António da Silva Nobre, com referência à herança deixada a esta Misericórdia por Pedro Duarte Guimarães.

Foi apreciada uma carta da senhora D. Maria Cristina Pereira da Silva Oliveira referente a uma disposição testamentária do seu falecido irmão Padre Horácio Pereira da Silva.

Foi tomado conhecimento de um ofício da Direcção Geral de Assistência, datado de 18 de Abril, a comunicar que, por despacho superior do dia 14 do mesmo mês, foi concedido o subsídio eventual de 20.000\$00 para os estabelecimentos de inválidos a cargo desta Misericórdia.

Foi aprovado o Balancete do Cofre, apresentado pelo sr. Tesoureiro e verificado o cumprimento de todos os legados.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para a instituição.

CENTENÁRIO DO «Jornal do Comércio»

Estão constituídas as comissões de Honra e Executiva de homenagem ao mais antigo diário do País

Para comemorar o primeiro centenário da fundação do «Jornal do Comércio», foi constituída a Comissão de Honra, presidida pela «Revista Militar», publicação igualmente centenária e que nessa Comissão é representada pelo seu presidente da Assembleia Geral, sr. general Raúl Esteves. Da Comissão de Honra fazem parte, além daquela publicação: «Diário de Notícias», representado pelo sr. dr. Augusto de Castro; «O Século», pelo sr. João Pereira da Rosa; «A Voz», pelo sr. Pedro Correia Marques; «Diário da Manhã», pelo sr. dr. Manuel Múrias; «Novidades», pelo sr. dr. Avelino Gonçalves; «Diário de Lisboa», pelo sr. dr. Joaquim Manso; «República», pelo sr. Professor Carvalhão Duarte; «Diário Popular», pelo sr. Luís Forjaz Trigueiros; «O Comércio do Porto», pelo sr. F. Seara Cardoso; «Jornal de Notícias», pelo sr. M. Pacheco de Miranda; «O Primeiro de Janeiro», pelo sr. Manuel Pinto de Azevedo; «Diário dos Açores», pelo sr. dr. Carlos Carreiro; e Grémio da Imprensa Diária, Sindicato Nacional dos Jornalistas, Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa e Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

A Comissão Executiva ficou constituída pelos srs. Coronel Pereira Coelho, dr. Guilherme Pereira da Rosa, dr. Norberto Lopes, respectivamente subscritores do «Diário de Notícias», «O Século», «Diá-

Teatro Jordão

HOJE, N.ºS 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

AS 7 MULHERES DO BARBAZUL

com Cecile Aubry e Hans Albers

Uma fascinante e misteriosa lenda antiga, recontada num filme dinâmico e moderno!
Espectáculo para adultos

TERÇA-FEIRA, 12 -- N.ºS 21,30 HORAS

Aventureira de ocasião

com Greer Garson, Michael Wilding e Fernando Lamas

Ela roubava os corações dos homens tão facilmente... como lhes roubava as jóias!
Espectáculo sem classificação especial

QUINTA-FEIRA, 14 -- N.ºS 21,30 HORAS

NAS GARRAS DO VÍCIO

com James Cagney

Só com os seus nervos de aço pôde ganhar a luta contra o vício que o dominava. Este filme é apenas humano e realista!
Espectáculo sem classificação especial

SÁBADO, 16 -- N.ºS 21,30 HORAS

O Feitiço do Pântano

com Jean Peters e Jeffrey Hunters

Espectáculo sem classificação especial

BREVEMENTE: O Milagre de Fátima, em WarnerColor.



GARANTEM LUBRIFICAÇÃO PERFEITA

Agente Distribuidor Exclusivo

T. MENDES SIMÕES

Stand N.º 2 — Av. Conde Margaride — Telef. 4227

GUIMARÃES 159

Notícias de Guimarães n.º 1112 — 10-5-1953



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 3.ª secção da secretaria judicial desta comarca de Guimarães correm éditos de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Abel Francisco Ribeiro e mulher Rosa da Costa Ribeiro, ele comerciante e ambos proprietários, moradores na rua dr. Alfredo Pimenta, desta cidade, para no prazo de 10 dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença contra os mesmos executados requerida por Aníbal Dias Pereira, casado, proprietário, desta mesma cidade, na acção sumária que contra eles e outros intentou.

Guimarães, 25 de Abril de 1953.

O Juiz de Direito,
Lobo e Silva.

O chefe de secção,
Albino Leite da Silva.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO
Comp. 21 404

rio de Lisboa), e Carlos d'Ornellas, director da «Gazeta dos Caminhos de Ferro».

CURIOSIDADES

Desta vez, vamos oferecer dois segundos de leitura aos estimados leitores do «Notícias» que gostam de apreciar os efeitos da ilusão e que, em certos casos, se apresenta com a aparência de mistério. São de alguns desses casos que nos fala a notícia seguinte:

«Ilusionismo»

O ilusionista italiano Denis Moroso foi o vencedor do concurso internacional de magia, que se realizou em Genebra.

Pondo de parte os velhos processos de mulheres cortadas aos bocados, ou pombos e gatos que se fazem aparecer dentro do chapéu do espectador da primeira fila — truques em que o público já não acredita — Denis Moroso conquistou o público e o júri do concurso apenas com algumas moedas, um baralho de cartas e alguns lenços.

Eis alguns dos seus trabalhos: fazer cair, misteriosamente, do espaço, para os seus dedos, cinco moedas de prata; lançar o baralho de cartas ao ar e agarrar aquela que o público pedir; deitar da boca uma bolinha branca, que salta três vezes no pavimento, mudando de cor de cada vez — de branco a rosa, e de rosa a verde; tirar de dentro dessa bolinha três lenços que mudam de cor diante dos olhos dos espectadores; pedir um relógio emprestado a um espectador da primeira fila, escrever sobre o mostrador alguns números escolhidos pelo público, traçar um sinal no ar com a varinha mágica e o relógio desaparecer, para ser encontrado, depois, dentro de sete caixas metidas dentro uma das outras; tirar um jornal da algibeira, fazê-lo em bocadinhos, amassá-lo como uma bola, e mostrá-lo outra vez intacto; pegar no baralho de cartas e ir buscar aquelas que o público escolher aos sítios mais inesperados, etc.

Sempre há cada um...

Como se vê, a «arte de baldracas e baldrocas» também vai tendo os seus progressos e não será de estranhar que, num futuro mais ou menos próximo, ovos estrelados apareçam transformados em frangos assados, que as galinhas apareçam com dentes postiços, etc., etc.

RACOLCA.

Vitória Sport Clube

A Direcção do Vitória Sport Clube, através do seu Departamento de Imprensa e Propaganda, solicita-nos a publicação do seguinte comunicado:

«A Direcção do Vitória Sport Clube de Guimarães, profundamente sensibilizada com as inúmeras manifestações de simpatia recebidas de todos os pontos do País, após o final do jogo Vitória-Braga, impossibilitada de o fazer pessoalmente como seria de seu gosto, vem por este meio agradecer, reconhecidamente, a todos quantos se dignaram testemunhar-nos o seu apreço e estima pelo resultado obtido.

A todos, pois, muito e muito obrigado».

Ofertas e Procura

Vendem-se 2 coutadas com mato, pinheiros e eucaliptos, situadas em Gonça, concelho de Guimarães. Tratar com o advogado Dr. Pinto dos Santos. Escritório, Rua de Santo António — Guimarães. 68

Vende-se Fogão «Oliva», pequeno, esmaltado a branco. Nesta Redacção se informa. 199

CASAS VENDEM-SE duas, contíguas e bem localizadas. Informa A. G. Guimarães. Largo do Toural, 60 r/c Direito. Telefone 40426. 203

3.000 contos Empréstimo por hipoteca portuguesa chegado de África ou compra propriedades até igual importância para rendimento. Informa A. R. — Largo do Toural, 60-R/C-D. — Telefone 40426 — Guimarães. 196

EMPREGADO de ARMAZÉM Precisa-se. Nesta Redacção se informa. 212

GASPAR MACHADO

Agradecimento

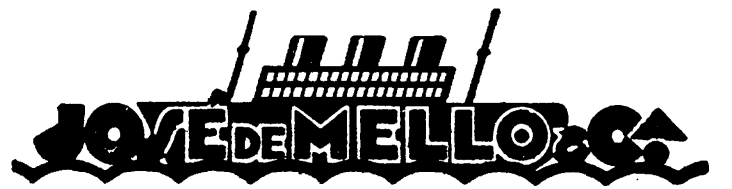
A família do saudoso extinto vem por este **único meio**, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignaram comparecer aos actos fúnebres a quando do falecimento de seu Pai e Sogro e bem assim à Missa do 7.º dia celebrada por sua Alma, a todos manifestando seu indelével reconhecimento.

Guimarães, 9 de Maio de 1953.

A FAMÍLIA.

Agentes Transitários e Camionistas

Escappegam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

ORGULHE-SE DE TER:

Um Rádio «PONTO AZUL», a marca alemã que toda a gente sabe que não há melhor.
Um Fridge «KELVIVATOR».
Uma Máquina de escrever «HERMES», a máquina suíça mais completa, mais eficiente e mais bem concebida. O tipo comercial «AMBASSADOR» é maravilha máxima em máquinas de escrever.
Uma Medidora «SMB»
Uma Balança «RALHA» } produtos de nome feito.

Facilidades de pagamento

GOMES ALVES, FILHO & C.ª
L. do Toural — GUIMARÃES

AGENTES EXCLUSIVOS NO CONCELHO

157

A ELECTRIFICADORA DE SÃO MARCOS (MACOL)

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS EM TODA AS APLICAÇÕES DE ALTA E BAIXA TENSÃO

Permanente sortido de materiais da especialidade. Grande sortido de lustres. MOTORES E GRUPOS ELECTRO-BOMBAS.

69 — Rua de São Marcos, 71 — BRAGA — Telef., 3100

Vende-se Pelo capital, posição de 5.ª classe na Sociedade Cooperativa «O Lar Familiar», com início em 8-4-48. 195

ORGANIZAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES EM ANGOLA

Deseja estabelecer relações com indústrias da Metrópole para venda dos seus produtos.

Enviar condições a: POPULAR IBERICA, Cx. P. 61
208 Nova Lisboa — ANGOLA

Meias e Peúgas (Fábrica)

Ind. muito relacionado na praça de Lisboa aceita representação deste artigo. Dá todas as garantias e melhores referências. Carta a B. ROQUE, R. Gomes Freire, 191-3.º — LISBOA. 218

JOSÉ MARIA GOMES ALVES
Engenheiro Civil
PROPOSTAS, CÁLCULOS DE CIMENTO ARMADO
Largo do Toural, 68-1.º
GUIMARÃES 217

Popelines e Lenços Finos (Fábrica)

Ind. muito relacionado na praça de Lisboa aceita representação destes artigos. Dá todas as garantias e melhores referências. Carta a B. ROQUE, R. Gomes Freire, 191-3.º — LISBOA. 219

Cooperativa «O Problema da Habitação»

Vende-se posição 4562, de 10.ª classe. Nesta redacção se informa.

Anúncios no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES